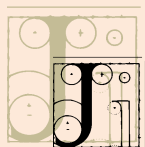


RESENHA

MAFRA, Janson Ferreira. *A ditadura espelhada: conservadorismo e crítica na memória didática dos anos de chumbo*. São Paulo: BT Acadêmica/Brasília: Liber Livro, 2014. 174 p.

Alípio da Silva Leme Filho

Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho. Professor Titular de Cargo da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e Coordenador na Escola Estadual Reverendo José Borges dos Santos Júnior.
alipio.filho@educacao.sp.gov.br



Janson Ferreira Mafra é Doutor (2007) e Mestre (2001) em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Graduado e licenciado em História pela Universidade Salesiana (Unisal). Desenvolveu, no doutorado, estudo sobre o conceito de conectividade em Paulo Freire. Tem experiência docente nas redes pública e privada, da Educação Básica e Superior, lecionando, pesquisando e orientando temas relacionados à História da Educação, Filosofia da Educação, Metodologia da Pesquisa, Didática, Práticas de Ensino e Aprendizagem, Teorias da Educação, Epistemologias.

No livro “A ditadura espelhada: conservadorismo e crítica na memória didática dos anos de chumbo”, Mafra parte de uma constatação empírica a que chegou após longos anos de trabalho docente em escolas públicas e privadas da cidade de São Paulo: “o desinteresse geral dos estudantes em relação às questões sociais e nacionais, em particular a ditadura militar” (1964/1985). Tal mote abre espaço para uma longa reflexão sobre o papel do livro didático de História na formação dos discentes e docentes. Da mesma forma, a imagem de capa é bastante reveladora e sugestiva: a esfinge da república olhando diretamente para o quadro da Medusa. Como bem sabemos, a partir da mitologia grega, quem olhasse diretamente para a Medusa seria petrificado. A ditadura militar (1964/1985) petrificou os desejos republicanos e democráticos da sociedade brasileira?

O primeiro aspecto que o autor discute é sobre a seguinte questão: “O que é um livro didático?” A partir deste questionamento, Mafra faz um debate desvelando aspectos que estão muito além da “simples” pergunta, pois o define como “um manual básico do processo de ensino-aprendizagem ocorrido cotidianamente na educação formal”. (p43). A ideia de cotidianidade se expressa como ponto de partida e chegada de toda análise e práxis efetiva. Em outras palavras, há na expressão a caracterização da alienação dos indivíduos nos processos constitutivos desse objeto carregado de ideologias. O livro didático não é apenas, como se refere o autor, “um manual básico do processo ensino-aprendizagem”; ele é instrumento de ação de uma determinada camada social na consolidação de seus interesses.

Dessa forma, Mafra busca compreender os diversos campos de constituição deste instrumento ideológico, num processo de abstração que decompõe o todo em suas partes, analisa cada parte e busca sua reconstrução, mas agora como objeto pensado na sua totalidade, ou seja, o livro didático produz um modelo de conhecimento amplamente difundido na sociedade brasileira.

Este segmento editorial representa, nos dias de hoje, 60% dos livros produzidos no Brasil. Isto significa uma forte influência no campo do conhecimento legitimado. Como se trata de um mercado, os livros didáticos acompanham a dinâmica social, isto é, segue o fluxo de transformações impostas pelos novos ares que o mundo respira, em particular no Brasil. Nesta perspectiva, o autor capta com rara felicidade o processo de transição dentro de uma particularidade bastante singular – o papel do livro didático na formação de um pensamento que se espalha entre os jovens estudantes brasileiros. Dessa forma, delinea os “campos” em disputa – o mercado editorial, por um lado, os professores e alunos consumidores deste produto de espalhamento e o autor e suas filiações políticas/ideológicas.

A soma destes três fatores, aliada à forma de apreensão de cada ator, irá, em última instância, determinar a forma de produção do livro didático, seu conteúdo, sua abordagem, sua linguagem, enfim, sua composição total.

Para compreender essa dinâmica, Mafra lança mão de uma literatura especializada de História do livro didático, passando por autores de diversas matrizes ideológicas. Tal movimento do autor irá também desnudá-lo nas suas filiações político-ideológicas. Cabe ressaltar que tal movimento não deslegitima suas análises, na verdade amplia o grau de entendimento do leitor sobre o assunto abordado.

Mafra analisa com muita acuidade o processo de utilização do livro didático no campo das Ciências Sociais, particularmente no de História como mecanismo de legitimação de uma história oficial do período analisado. Segundo essa perspectiva, o que não está no livro didático não está no mundo (estudantil) e, dessa forma, não se constitui como conhecimento válido. Em outras palavras, ao longo do processo da ditadura, alguns conceitos foram sendo difundidos como verdadeiros, particularmente de que em 31 de março de 1964 houve uma Revolução e não um Golpe de Estado. Entretanto, no período de transição, por conta de novas vertentes históricas, novos autores e mesmo a demanda do mercado, uma abordagem diferente passa a veicular, com linguagem, conceitos diversos que passam a questionar o modelo anterior, que, no entanto, ainda não havia sido completamente substituído, havendo resquícios e limitações nestas produções diversificadas. O autor assim justifica essa situação:

Em determinados contextos, pode servir como reproduzidor de uma dada ideologia, na medida em que se constitui em instrumento dos interesses dos grupos dominantes; em outros, contrariamente, como contra-hegemonia, ao posicionar-se criticamente no desvelamento de uma dada realidade.¹

No entanto, Mafra nos brinda com uma constatação estarrecedora: a ideia de que, a partir do processo de redemocratização, os livros didáticos iriam nos fornecer uma visão mais ampla e crítica sobre este período. Contudo, essa afirmação é desmentida pela realidade, pois poderíamos imaginar que a lógica se daria da seguinte maneira: quanto mais distante do regime militar, mais esse tema seria enfocado criticamente, vez que os autores teriam maior autonomia para tratá-los, em função de não haver mais elementos limitadores relacionados à censura do regime. Entretanto, o que o autor observa, a partir de um olhar privilegiado pelo tempo e por outros estudos, é que pouca atenção é dada ao período, mesmo por autores que se dizem críticos do regime e com filiações ideológicas mais à esquerda. O espaço (em páginas) nos livros didáticos sobre este tema é pouco relevante, com pouca profundidade e com um nível de criticidade bastante questionável, ainda que o autor não apresente mais dados objetivos do grau de aceitação e alcance dos livros didáticos apresentados entre alunos e professores que são seus consumidores.

¹ MAFRA, Janson Ferreira. **A ditadura espelhada: conservadorismo e crítica na memória didática dos anos de chumbo**. São Paulo: BT Acadêmica / Brasília: Liber Livro, 2014, p. 85.

Por outro lado, o autor capta bem que mesmo as propostas mais arrojadas e críticas do tema, na verdade reproduzem uma linha tradicional de análise, dando pouco espaço para a formação de um pensamento crítico ao aluno e mesmo ao professor que depende desse material praticamente como única fonte de estudo, tendo em vista suas demandas. Além de todos os problemas apontados, Mafra nos traz marginalmente uma revelação ainda mais estarrecedora: a cumplicidade dos professores (ele diz sobre profissionais da educação, em minha opinião uma figura de linguagem) com o descaso apresentado ao não abordarem o tema por ser um dos últimos itens do livro didático e “não há tempo para discuti-lo”.²

Dessa forma, a ideia de uma petrificação dos ideais republicanos é confirmada, o que permite entender o “o desinteresse geral dos estudantes em relação às questões sociais e nacionais, em particular a ditadura militar”.

“A Ditadura Espelhada - conservadorismo e crítica na memória didática dos anos de chumbo” é um livro que, disponibilizado nas salas dos professores, bibliotecas e outros meios de espaços para leitura, pode ser fundamental para os estudos e pesquisas relacionadas às Ciências Humanas, tanto para professores, pesquisadores, como para os alunos, estes das graduações e também do Ensino Médio, promovendo, assim, a formação de leitor crítico e conhecedor dos caminhos apresentados nesta produção.

² Ibid., p. 158.